



ENTREVISTA



ENTREVISTA COM MARIA VILANI

CPF: A edição atual da revista trata dos pequenos espaços culturais que são referência para as grandes instituições. A forma de acolhimento, de como pensar a programação e juntar pessoas para uma conversa, é uma referência que tem inspirado em escala mais ampla. Para iniciar essa conversa, é importante contextualizar a sua história e ação cultural. Por favor, conte-nos um pouco da sua trajetória.

Maria Vilani: A minha história não é diferente da de muitas mulheres nordestinas que chegaram às periferias de São Paulo, pois costumo dizer que a gente não vem para São Paulo; a gente que vem para tentar a subsistência, por assim dizer, não conhece o *glamour* de São Paulo, concentrado nos bairros “nobres”. A gente é acolhida pela periferia. E nessa periferia a gente encontra uma série de pessoas que nos antecederam, mas, na história, só mudam as personagens.

A gente está em busca de melhores condições de vida, ou de propiciar melhores condições de vida para nossos filhos. Estava falando com meu marido: “Não sei por que a gente põe filho no mundo”, ele respondeu: “É a vida”. Será que é isso, é a vida, né? Porque, se não tomar muito cuidado, a gente, que chega desses lugares longínquos... não me refiro à distância geográfica, mas à distância dos direitos, do direito à cidadania, uns têm, outros não têm. Então não se aproximam.

E a periferia está sendo um reflexo do lugar de onde a gente veio, porque a cultura se estabelece ali, as trocas se estabelecem ali. Então, digo que o Grajaú é o meu país, porque realmente foi no Grajaú que consegui me formar e contribuir para que meus filhos tivessem uma formação. Então foi no Grajaú que decidi, digamos assim, impulsionada pelas circunstâncias, que seria meu lugar. Esse é meu lugar.

E não foi diferente da grande maioria das pessoas. Cheguei no Grajaú, a gente não tinha asfalto, não tinha saneamento básico, a luz elétrica era muito fraca, tinha que colocar um Bombril na antena da televisão para conseguir ver alguma imagem. A gente pode não ter conhecimento, não ter tido, mas a gente pensa. Somos seres pensantes. E ao pensarmos, chegamos à conclusão de que precisamos de uma série de coisas que negam para a gente.

Então, a gente precisa dizer sim aos não que essa sociedade, que esse sistema nos dá. E não fiz diferente. Aprendi que o conhecimento transforma. Então fui buscar o conhecimento. No primeiro momento, era o

conhecimento, depois cheguei à conclusão que eu precisava de canudos, de diplomas, porque só com eles eu abriria portas. Daí a conciliação, mas eu não poderia ir para a academia e esquecer minhas origens. Mas eu também não poderia ficar só ali, porque não era só, eu tinha uma prole para representar.

Fui estudar, fui trabalhar, fui transformar minha casa num centro de cultura, para que meus filhos tivessem acesso, porque negaram isso para a gente também... esse bem que atravessa o ser humano e sem o qual você não se estabelece como ser humano. Então, a gente teve que correr atrás, trazer aquilo que hoje chamam de sarau, nos anos 1980 a gente já fazia isso. A gente tem a história do sarau de 2015 para cá, como esse nome. E parabéns a quem bombou esse nome, maravilha. Mas nós tínhamos pessoas que faziam tudo isso que se faz hoje, só que não tinha essa telinha para propagar.

A minha casa não era a única, mas foi a mais ousada, por assim dizer. Fui capaz de botar uma faixa na frente da minha casa com o letreiro: “Precisa-se de poetas”. Tivemos a coragem de fazer uma carreata poética, mas muita gente fazia o que se faz hoje.

CPF: A cidade de São Paulo está repleta desses espaços. Hoje está sendo mais divulgado em função das políticas públicas que existem, políticas de fomento à periferia, ao teatro, ações como editais públicos do Proac, e mesmo a Lei Rouanet. Poderia falar um pouco sobre o seu espaço cultural, o Centro de Arte e de Promoção Social (CAPS)?

Maria: O corpo é a nossa primeira casa, é no nosso corpo que existimos. E essa casa precisa habitar uma casa. Só que nossa casa precisa ser transformada em lar. No CAPS acontece uma coisa muito diferente, é que o principal é a pessoa que procura o CAPSArtes. A gente não chega pro voluntário que acabou de entrar e fala “tem isso para fazer, você quer fazer?”. Não. A gente chega pro voluntário e pergunta: “O que gostaria de fazer? De que forma você gostaria de contribuir? Quais são os talentos que você gostaria de burilar?”.

E aí a gente se organiza numa força-tarefa para que aquela pessoa realize os sonhos dela dentro do CAPSArtes. Isto é, a gente não prepara nada para os outros desenvolverem. Então é uma casa na acepção do termo, é um lar. Existem muitas casas, e tem muita gente trabalhando como nós do CAPSArtes. Quero tomar muito cuidado para não parecer que a gente é diferente. A gente está entre as pessoas que promovem esse afeto, que transformam esses prédios em lares.

CPF: Isso que você nos diz é muito importante para nós aqui do Sesc, essa atenção para aquilo que as pessoas têm de melhor a oferecer. Acho

que é um ponto muito importante para essas grandes instituições. As pessoas estão ali para trabalhar para outras pessoas, então precisam estar bem, precisam se sentir felizes no dia a dia. Acho que talvez isso seja um diferencial desses espaços, já que você disse que é o principal recurso.

É lógico que a questão financeira é necessária; mas, falando das pessoas, gostaria que você falasse um pouco das transformações da região do Grajaú em função desses 32 anos do projeto. Sei que já disse que não é a única, existem muitas outras pessoas trabalhando. Mas eu queria ouvir de você, e isso é muito importante para nós, como você vê essas transformações. Como era o Grajaú, você disse que não tinha rua asfaltada... como você vê as transformações das pessoas do entorno do CAPSArtes.

Maria: Eu acredito que o CAPSArtes e muitos outros coletivos começaram apostando na humanidade do outro, reconhecendo essa humanidade, acreditando na inteligência do outro, na capacidade de se desenvolver. Cada um foi se encontrando, e a autoestima os revelou assim, e aí a união dessas pessoas chegou ao Grajaú de hoje, que é uma potência. A gente tem de tudo no Grajaú, desde trabalho com o meio ambiente, com artistas plásticos, com poesia, com o empreendedorismo, principalmente das mulheres negras, que é um exemplo para o mundo.

Porque não tem como empreender se não houver confiança entre as partes, e confiança exige afeto. Então, a maior riqueza do Grajaú é o afeto, é a confiança. As pessoas confiam umas nas outras. Foi uma simbiose. Mas antes tiveram de aprender a acreditar nelas mesmas. E aí temos uma dívida muito grande com movimentos de mulheres que nos antecederam, dos anos 1970, 1980; nossa casa, nossa associação de mulheres do Grajaú, conhecida como a Casa da Mulher do Grajaú... Essas mulheres fizeram um trabalho muito antes de nós. Cheguei a incorporar o movimento, mas quando cheguei o movimento já estava potente; eu só fui uma pecinha a mais ali. Então essas mulheres desbravaram, foram as mulheres que desbravaram aquela região.

A nossa primeira presidente da associação de Mulheres do Grajaú, que sempre cito e que não pode ser esquecida, que é Adélia Prates, fazia um trabalho lindo. Meu filho que você viu aqui, o Criolo, e o outro irmão dele, e minha filha, que faleceu de Covid, eu ia empurrando-a num carrinho para a ir escola, quando chovia não ia para a escola, pois a gente não conseguia andar, a gente caía, escorregava; e a Adélia ficava junto das mães, levava os filhos delas, botava-os na escola e ficava conversando com as mães, convidando-as para o movimento feminista.

Não tínhamos telefone nem internet, era uma conversa de pé de orelha, havia um panfleto que se colocava no poste, uma ou outra que tinha carro na época, colocava adesivo no carro. E o movimento foi crescendo, muitas mulheres se instruíram porque a casa, além de ter um trabalho político de defesa da mulher, tinha a formação da mulher, cursos de formação, datilografia, alfabetização para as mulheres adultas, e manicure, cabeleireiro, confeitaria...

CPF: Em relação à participação das políticas públicas do Estado, poderia nos contar se existem equipamentos públicos onde é possível estabelecer parcerias para a realização de projetos?

Maria: Para a população enorme como a do Grajaú, o que a gente tem é muito pouco, mas já ficamos muito felizes, porque existe sempre a possibilidade de aumentar. Temos um centro cultural, que é a Casa de Cultura que foi de Interlagos durante muito tempo; depois migrou pro Grajaú, e não gostaria que fosse preciso tirá-la de Interlagos para levar ao Grajaú. Claro que Interlagos é um bairro já considerado menos pobre, por assim dizer. Mas eu gostaria que essa Casa de Cultura que foi pro Grajaú — fico muito feliz com isso — não precisasse ser tirada de Interlagos e que se criasse algo pro Grajaú. E essa casa fica no centro do Grajaú, no Parque América, onde está a elite. Então, o pessoal vem do fundão do Grajaú para desenvolver tarefas, essas parcerias, esses encontros, esses acordos, e isso acontece.

O próprio CAPSArtes já fez muitas carreatas, festas de aniversário. No começo, a gente só pedia o espaço, porque nós do CAPSArtes queríamos fazer; se alguém quisesse reconhecer financeiramente, claro que a gente aceitaria; mas o motivo principal não era este, queríamos levar alegria para as pessoas. E o objetivo maior ainda é promover encontros entre as pessoas. Por exemplo, quando propus criar o Fórum. Lembro que foi na primeira quarta-feira de 2013, chamei os coletivos e expliquei da necessidade de ter um fórum. Ali muitas pessoas se conheceram, e tem gente fora do país fazendo arte por aí. E se conheceram ali.

Portanto, os movedores da cultura, da educação, da filosofia, da ciência precisam ter essa consciência de que não vão ensinar o padre-nosso ao vigário, mas propiciar que as pessoas se encontrem e que elas se descubram, porque é o outro que me ajuda a descobrir a mim mesmo. E com essa troca, daqui a pouco as pessoas montam um grupo de teatro, fazem um trabalho cinematográfico etc.

Então, parabenizo o trabalho do Centro Cultural do Grajaú, já fui beneficiada enquanto CAPS, O CAPS já se beneficiou também, numa coisa de mão dupla. Mas por que não lá na balsa? Por que não lá no Cantinho do Céu? A gente tem alguns equipamentos como os CEUs, é possível fazer

parcerias, é possível solicitar o teatro emprestado, muitas coisas são possíveis. Mas não atende a população na íntegra. Porque é muita gente, as pessoas são muito pobres, as pessoas têm dificuldade de pagar uma condução até o centro cultural. Ainda hoje, lidamos com isso. Eu poderia dizer principalmente hoje, depois dessa crise maluca que vivemos, dessa pandemia, as pessoas empobreceram ainda mais.

Então, eu sempre parabenizo os espaços públicos, sou a favor da iniciativa pública, até porque é um dever. Somos cidadãos, pagamos impostos... Mas não é para tirar o centro cultural do Parque América, é para colocar outros centros culturais, lá para o fundão.

CPF: Você construiu o seu espaço, juntou pessoas, acho que é um ponto muito rico, esse de que você fala, de que as pessoas próximas têm um espaço de convivência e constroem muitas coisas. E você é uma dessas referências, pro Brasil, pro mundo, e não só pro Grajaú; E por isso a queria saber um pouco também sobre seu trabalho na área de literatura, as publicações que você tem.

Maria: Escrever é algo que a gente não consegue definir, só consegue sentir. Eu acredito que a mesma coisa aconteça com a música, com a tela, com pincel, com argila, enfim... A gente não tem palavras para definir a felicidade que é exercer a nossa arte. E precisamos do outro. A gente precisa que o outro veja. Você escreve um livro, você quer saber se alguém leu, se uma pessoa leu, não interessa o nível de escolaridade da pessoa, alguém leu. E fui muito feliz porque eu tinha leitores em casa. E realmente perturbava marido e filhos, porque acabava de escrever e já mostrava.

E por ironia do destino, quando eu não tinha nenhum estudo eu achava que para publicar um livro precisava ter curso superior. Dá para ver como aquilo era distante. Então pensava que eu nunca fosse publicar. Portanto escrevia, guardava, escrevia, jogava fora, pensando que eu nunca fosse conseguir fazer um curso superior. Até que um dia um professor dos meus filhos foi nos visitar e fiquei muito à vontade com esse professor e mostrei minha poesia a ele. Aí ele levou minha poesia para um concurso e trouxe o resultado que meu poema fora aprovado para ir pro Machu Picchu, no salão de artes Inca. Não acreditei. Pronto, ali eu soube que eu tinha que ir para escola, que eu tinha que estudar. Já que sem estudo eu tinha conseguido escrever algo que havia sido aprovado num concurso para ir pra fora do país, eu tinha que estudar.

E no ano seguinte me matriculei, pois eu tinha madureza ginásial, Artigo 91, que era para poder arrumar emprego na fábrica. E aí fui estudar. No segundo ano do Ensino Médio, o professor pediu um trabalho e escrevi esse livro: *Cinco contos sem desconto e de quebra dois poemas*.

É um folhetim, na realidade. Foi publicado na Associação de Mulheres do Grajaú.

O que quero dizer é que o que me motivou a escrever e a acreditar em mim foi um dia alguém acreditar e me dizer: “Me dá seu poema que vou levar para um concurso”. Eu não conhecia o caminho, eu nem sabia que existia isso; mas ele falou: “Não, isso aqui tem valor”, isto é, eu não sabia. Aí continuei os estudos, eu era velha, pois tinha quase quarenta anos quando entrei na escola, com uma turminha jovem, e eu chamava atenção (risos). Então a partir daí escrevi, escrevi muito e me tornei professora de filosofia e antes de ser professora de filosofia, antes de ser uma colegial, pois na época eu fazia colegial, escrevi uma peça de teatro para meus filhos que se chama *A florista*.

E depois que me tornei professora, peguei a peça e fiz uma adaptação para um conto de fadas. *O reino de Roselândia*, e o Mauro Neri ilustrou o livro. Ele tinha 16 anos na época, porque era meu aluno do segundo ano do Ensino Médio. Foi ele que fez a ilustração dessa obra. Isso aqui foi feito com amigos, foi feito em casa, tudo muito simples. A gente não tinha um selo, aquilo não existia. Quando a gente pensava em editora, pensávamos numa instituição, depois que apareceu a coisa do selo...

O primeiro livro foi em 1991, o conto de fadas foi em 1998, e o terceiro, *Varal*, foi em 2012 — vejam a distância de um pro outro —, pela Editora da Gente. E em 2016 a gente já tinha nosso selo, e o inauguramos com esse livro, *Penteando a vida*. Em 2017, publicamos *A lágrima e o riso*, o riso aqui é da exaustão da dor. E em 2019, *Abscesso*, que são poemas que falam da dor no nosso sistema. E em 2021, *Memórias de Maria e um pouquinho de mim*, após seis anos de trabalho árduo, pois a confecção dessa obra durou seis anos; comecei em março de 2014 e terminei em dezembro de 2020. É meu primeiro romance.

Acho que o principal que precisamos ter são as ideias. E quando trabalhei com ateliê de escrita, que a gente se reunia aos domingos para escrever aqui, havia pessoas com formação acadêmica e outras pessoas que não tinham nem Ensino Médio. E eu dizia: “Você pensa, tem ideias, então põe no papel”. Não interessa se está tudo errado, mas sabe o que está escrevendo? Então, depois você lê pro seu colega. Aí o colega consegue escrever, e o outro consegue revisar, aí tivemos essa coisa linda aqui *Filosofia escrita ao extremo: nexo, léxico e reflexo* e *Escritos ao extremo: indeléveis dobrás textuais*; com pessoas das mais variadas idades, os mais variados níveis de escolaridade, e pessoas que apenas se alfabetizaram, mas não tiveram a felicidade de terminar um primário, por assim dizer.

Tudo mundo tem ideias, mas as pessoas foram tão oprimidas que têm vergonha de si mesmas. É igual a uma personagem de um livro meu, que

parei há algum tempo, que trabalhava numa instituição, e o almoço dela era diferenciado dos outros funcionários porque ela era faxineira. Então quando chegava alguém, ela escondia o prato dentro do forno para as pessoas não verem que ela estava comendo. Isto é, ela era quem estava com vergonha, mas quem tinha que sentir vergonha eram as pessoas que a deixavam naquela situação.

Fazem isso com a gente. A gente tem vergonha de ser quem a gente é. E isso leva um tempo muito grande. E para isso acontecer, a gente precisa do verdadeiro mestre, do verdadeiro amigo e do verdadeiro amor. São aquelas pessoas que nos ajudam a descobrir aquilo que não sabíamos que tínhamos. E encontrei isso no Grajaú no movimento das mulheres, encontrei no movimento do CAPSArtes e em tantos outros coletivos.